

Narrativas contra-hegemônicas no Jornalismo Cultural: uma análise da produção cultural no portal *RBA*¹

Carlos Eduardo BERTIN²

Flávio Menezes SANTANA³

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO: Não há dúvidas de que o jornalismo cultural é uma editoria de grande prestígio e importância que assume a interpretação do campo da cultura e, conseqüentemente, contribui na construção social. No entanto, percebe-se que atualmente os interesses econômicos e comerciais se refletem nessa prática jornalística, criando-se, assim, a necessidade de alternativas que tragam luz às produções culturais minoritárias e de grupos marginalizados, enxergando suas necessidades e realidades. Dessa forma, propomos traçar um mapeamento da cobertura jornalística, da editoria de Cultura, do portal Rede Brasil Atual (*RBA*) durante o mês de março de 2018, por meio de uma abordagem qualitativa, afim de se evidenciar as narrativas contra-hegemônicas desse campo. Constatamos, portanto, que esse veículo busca publicar matérias de natureza artísticas que tratam de temas poucos debatidos na mídia convencional, atuando como formador cultural de determinado público.

PALAVRAS-CHAVE: Contra-Hegemonia; Cultura; Jornalismo Cultural; Rede Brasil Atual;

INTRODUÇÃO

Essenciais para a democracia, os meios de comunicação como a imprensa escrita o rádio, a televisão, por exemplo, possuem a responsabilidade de manter a sociedade informada de maneira eficiente, já que assumem a interpretação da realidade social a partir de uma multiplicidade de discursos e interesses no processo de produção de sentido e da construção social.

Evidencia-se, porém, que a mídia convencional se põe a serviço de grupos que por interesses políticos e comerciais controlam a sociedade, e ao invés de manterem sua relação de confiança com a cidadania, geram problemas que afetam diretamente o próprio sistema democrático. Do mesmo modo, o jornalismo cultural praticado nos grandes veículos de comunicação do país segue a lógica comercial e lucrativa, favorecendo os ditames do mercado e, conseqüentemente, limitando seu conteúdo cultural.

Em contrapartida, novos grupos alternativos surgem com a intensão de desmistificar o poder midiático hegemônico e geram um novo modo de informar a população que, cada vez mais, se mostra com certezas e convicções modificadas.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Mestrando do Curso de Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), e-mail: dudsbertin@gmail.com.

³ Mestrando do Curso de Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), e-mail: ms.flaviosantana@hotmail.com.

A partir desses apontamentos, destacamos o portal Rede Brasil Atual (*RBA*) como um veículo jornalístico alternativo, que visa “produzir e difundir comunicação diferenciada daquela vista na imprensa tradicional e comercial”⁴. Esse veículo é gerido por uma rede que é fruto de parceria entre alguns sindicatos de trabalhadores liderados pelo Sindicato dos Bancários de São Paulo e Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Essas entidades são associadas à Fundação Comunicação, Cultura e Trabalho, e à Editora Atitude, principal responsável pelo portal. Partindo dessa premissa, interessa-nos compreender o jornalismo cultural praticado e publicado por esse importante veículo de comunicação contra-hegemônico.

Dessa forma, sugerimos traçar um mapeamento da cobertura jornalística, da editoria de Cultura, do portal durante todo o mês de março de 2018, por meio de uma abordagem qualitativa, usando como critério de classificação das matérias os pressupostos dos gêneros e formatos do jornalismo (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010) e, assim, evidenciar as narrativas contra-hegemônicas do campo cultural, baseados nos Estudos Culturais, presentes no jornalismo cultural produzido pelo portal jornalístico *RBA*.

Por fim, demonstra-se a necessidade de se abordar essa temática como um novo campo de compreensão do jornalismo cultural, bem como trazer a importância do jornalismo como um meio propulsor de valorização cultural.

UMA BREVE EXPLICAÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA

A definição de Cultura é um tanto quanto complexa devido à grande quantidade de conceitos que recebeu ao longo dos séculos. Eagleton (2011, p. 09) diz que etimologicamente a Cultura é um conceito derivado da concepção de natureza e que um dos seus significados originais é “lavoura” ou o “cultivo agrícola”, o cultivo que cresce naturalmente. O autor elucida que o termo, de início, denotava “um processo completamente material, que foi depois metaforicamente transferido para questões de espírito” (EAGLETON, 2011, p. 10).

Por muito tempo, a Cultura foi interpretada pela dicotomia “Cultura Erudita”, caracterizada por um pensamento elitizado e restrito a uma elite intelectual, e “Cultura Popular”, manifestada por meio da dança, do rito, do folclore, etc., que caracterizava as tradições das classes populares. Em um tom poético, Luis da Câmara Cascudo (1973, p. 426) escreve que a “Cultura Popular é o saldo da sabedoria oral na memória coletiva”. Em

⁴ Texto extraído do portal RBA. Disponível em <<http://www.redebrasilatual.com.br/expediente>>. Acesso em 24 de abril de 2018

contrapartida, a “Cultura Erudita” ignorava “pura e simplesmente as manifestações simbólicas do povo” (BOSI, 2015, p. 208). Essa distinção entre o erudito e o popular concebia uma noção limitada de que uma determinada parcela da sociedade era “cultura”, com gostos e hábitos culturais requintados, e outra parcela “inculta” e de mau gosto. Na concepção de Gans (2014), a segmentação desses dois campos corrobora para uma guerra cultural entre classes sociais. Nesse sentido, esse “é um debate acerca da natureza do padrão de vida, mais especificamente acerca de qual cultura, a cultura de quem, deve predominar na sociedade” (GANS, 2014, p. 19).

Raymond Williams (1992) desconstrói esse entendimento em seus estudos sobre a Sociologia da Cultura e observa que a Cultura pode ser examinada de maneira mais proveitosa, como resultado de formas precursoras de convergências de interesse, destacando dois formatos principais: 1) ênfase no espírito formador de um modo de vida global, manifesto por todo o âmbito das atividades sociais, porém mais evidentes em atividades especificamente culturais: linguagem, estilos de arte, trabalhos intelectuais, como a literatura e a filosofia, etc.; 2) ênfase em uma ordem social global no seio da qual uma cultura específica (estilos de arte e tipos de trabalho intelectual) é considerada produto direto ou indireto de uma ordem primordialmente constituída por outras atividades sociais. Desse modo, classifica o termo como: a) idealista e b) materialista. Para Williams (1992, p. 12), “a importância de cada uma dessas posições, em contraposição a outras formas de pensamento, é que leva, necessariamente, ao estudo intensivo das relações entre as atividades ‘culturais’ e as demais formas de vida social”.

Se até o início da segunda metade do século XX, a Sociologia da Cultura desenvolvia suas reflexões a partir desses dois pontos de vistas, observa-se, nas obras contemporâneas, uma convergência entre esses elementos. Sendo assim, a Cultura é entendida como “um sistema de significações mediante o qual necessariamente (...) uma ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIAMS, 1992, p. 13). O autor observa uma confluência entre os sentidos antropológico e sociológico de Cultura como um “modo de vida global”, dentro do qual identifica-se também um “sistema de significações” que envolve todas as formas de atividade social. De maneira semelhante, o entendimento de Cultura como “atividades artísticas e intelectuais” passa a compreender não apenas as artes e as formas de manifestação/produção intelectual, mas também todas as “práticas significativas”, desde a linguagem, passando pelas artes, filosofia, jornalismo, moda, publicidade, etc.

Essa visão do autor rompe com o formalismo de que a Cultura é restrita a uma pequena elite, detentora de hábitos culturais refinados e práticas culturais contemplativas que

proporcionam a elevação da mente. Nesse contexto, Gadini (2009) nos lembra que a realidade é simultânea e contínua construção social em um campo marcado por diversas formas de expressões e materialidades e o que jornalismo também faz parte desse processo. No entanto, no campo cultural "as culturas seriam, pois, inevitavelmente heterogêneas, marcadas por relações de pluralidade e, por vezes também, conflituosas" (GADINI, 2009, p. 38).

CULTURA E PRÁTICA JORNALÍSTICA

As discussões acerca da atuação do jornalismo cultural fazem deste trabalho um espaço particular para reflexões a partir de questionamentos a respeito do modo contemporâneo de realizar essa prática. Além disso, cabe-nos apontar possibilidades de se construir uma nova visão que proponha uma lógica senão, a mercadológica. Dessa forma, evidencia-se a importância de discutir, antes de mais nada, o conceito de jornalismo cultural para entender, assim, como essa prática está sendo desenvolvida contemporaneamente.

Conforme Faro (2014a, p. 15), o jornalismo cultural se caracteriza como “a produção noticiosa e analítica referente a eventos de natureza artística e editorial pautados por seções, suplementos e revistas especializadas nessa área”. Gadini (2009) esclarece que as relações sociais da sociedade contemporânea são construídas a partir de uma multiplicidade de discursos e interesses, padrões de comportamentos definidos e aceitos.

Põe-se em cheque a importância do jornalismo, já que a “informação jornalística institui, no processo de produção de sentido, um conhecimento que vai agregar, questionar ou negar a relação e o comportamento que o usuário mantém no espaço coletivo” (GADINI, 2009, p. 47). Desse modo, a prática jornalística está baseada em uma atividade técnica, empresarial e comercializada, e assume a interpretação da realidade social que seguem rotinas editoriais, técnicas e procedimentos de seleção, hierarquização e publicação de visões singulares que fazem parte da vida social.

No cenário jornalístico, Piza (2003) frisa que o jornalismo cultural acaba sofrendo duas perdas: a chegada de uma maior atenção ao populismo e a distorção de algumas realidades culturais e submissão ao cronograma de eventos. Para demonstrar melhor essa realidade, ele discute que a mídia bombardeia ofertas culturais que a população não consegue dar atenção e, portanto “[...] o jornalismo cultural, em dias como os atuais, perde muito de sua capacidade de influência por negligenciar questões tão "quentes" sobre a sociedade moderna” (PIZA, 2003, p. 52).

Por meio do conceito de jornalismo cultural definido por Faro (2014b) e das suas perdas, citadas por Piza (2003), questionamos o papel do jornalismo cultural para a sociedade. Inicialmente, uma das principais premissas para essa discussão encontra-se no fato de que o conceito de cultura apresentado anteriormente difere-se do conceito aplicado pela mídia contemporânea. “O que se nota é uma mudança na própria noção de cultura utilizada no jornalismo, alterada e ampliada agora para uma concepção mais próxima do que os antropólogos têm do conceito” (VARGAS, 2004).

De fato, o jornalismo nunca esteve tão longe do capitalismo. Vargas (2004) destaca a forte permanência dessa lógica no hábito de enviar e receber notícias durante o mercantilismo, o uso do jornal como meio de divulgação do liberalismo na revolução Francesa, ao formato de produção e consumo com a chegada das prensas manuais, e logo em seguida o surgimento do rádio e o cinema, por exemplo, trazidos pela Revolução Industrial. Contudo, o aparecimento das tecnologias eletrônicas e digitais aparece, talvez, como o grande salto que, segundo ele, intensificou ainda mais essa demanda.

Diante da predominância de publicações especializadas em cultura, presume-se que as mudanças significativas neste tipo de jornalismo se deu também a partir de uma abertura aos estudos culturais e as suas possibilidades de entender cultura em conceito mais amplo e aberto. Além disso, essa mediação pode ser um fato que aproxima (ou se confunde) o jornalismo cultural contemporâneo com o entretenimento, como demonstra Ballerini (2015) a partir de uma visão do cenário contemporâneo.

[...] nas últimas décadas, nota-se uma estrutura jornalística pautada pela antecipação: de produtos culturais, como lançamentos de filmes e livros, estreia de peças, novelas, aberturas de mostras; de um novo restaurante; do novo game recém lançado; do próximo desfile de moda etc. (BALLERINI, 2015, p. 46).

De acordo com Faro (2014b) – a partir de uma discussão contextualizada por Habermas (1984)⁵ que pressupõe que a ponte entre a perspectiva artística e a política tenha se construído a partir de uma natureza econômica – o jornalismo cultural configura-se em uma dupla dimensão que demonstra estar atrelada na origem e na fundação do jornalismo. Por hora, ele explica que os bens culturais se assemelham a informações pautadas pelo jornalismo, e dessa forma ganha espaço para venda.

⁵ HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

De um lado, a de dar conta de sua inserção no mundo mercantil, não podendo furtar-se da metabolização pela qual passam todas as formas de existência na sociedade burguesa; e, de outro, a de dar conta também de sua institucionalidade política, ainda que esta última dimensão possa assumir a forma imediata do conceito estético ou da reflexão filosófica descompromissada da pragmática (FARO, 2014b, p. 83).

No entanto, segundo Vargas (2004), essa dinâmica de mercado presente no jornalismo cultural é fator positivo, afinal o trabalho das assessorias, a profissionalização no trato da cultura e o agendamento cultural só possibilitaram novas dinâmicas e alterações nas suas formas de abordagens. Caso contrário, não haveria energia para impulsionar essa prática jornalística. “Se, antes, tratar de cultura era discutir eminentemente literatura¹, teatro, artes plásticas e música erudita, quase que nessa ordem de importância, atualmente novas linguagens e campos estéticos foram colocados na pauta cultural” (VARGAS, 2004).

A medida que cresce a produção e a circulação dos produtos artístico-culturais, o campo cultural se expande, trazendo novos assuntos e discussões, como bem retrata Ballerini (2015) ao destacar cinco editorias essenciais para compreensão do jornalismo cultural contemporâneo: Literatura, música, artes visuais, teatro e cinema. Um campo maior, se comparado a décadas anteriores, mas como esclarece Vargas (2004), nesse aspecto, a prática jornalística torna-se mais complexa.

Embora a imprensa assuma sua condição de empreendimento comercial a partir da esfera pública, o jornalismo cultural se denomina por interesses que possuem pouca relação com o seu conceito histórico (FARO, 2014b). Diante de tais apontamentos, Moraes (2013, p. 20) aponta três principais características que descrevem o sistema midiático contemporâneo.

Primeiramente, evidencia a capacidade de fixar sentidos e ideologias, interferindo na formação da opinião pública e em linhas predominantes do imaginário social. Em segundo lugar, demonstra desembaraço na apropriação de diferentes léxicos para tentar colocar dentro de si todos os léxicos, a serviço de suas convenientes particulares. [...] Em terceiro lugar, incute e celebra a vida para o mercado, supremacia dos apelos consumistas, o individualismo e a competição.

Essas características se configuram como uma conexão do mercado e da cultura tecnológica que repercutem a partir de ideais mercadológicos e consumistas consagrados, principalmente, pelos megagrupos midiáticos. Em outras palavras, há uma lógica de interesses estrategicamente traçada pelas corporações midiáticas através de multiplataformas integradas e implantadas pela tecnologia que efetivamente compartilha e distribui conteúdo com uma diminuição drástica de custos e investimentos. De certa forma, podemos interpretar essa

lógica como um ponto bastante positivo para concretização de um grande avanço mercadológico na indústria de cultura e entretenimento (MORAES, 2013).

Os mercados editorial, musical, cinematográfico, artístico e esportivo, crescem gradativamente, fomentando a geração de lucros e, paralelamente, proporcionam mudanças que refletem, principalmente, nas formas de produzir e consumir jornalismo. Por consequência, a prática jornalística se prende a poucos e grandes grupos dominantes que fortalecem o capitalismo, se desviando da crítica e da reflexão e tornando os meios de comunicação como elementos de difusão da cultura a partir dos ditames da indústria cultural.

A partir dessas contribuições, ressalta-se a prática jornalística como meio essencial para a democracia, mas que infelizmente se pauta pela lógica capitalista e que por hora não cumpre seu papel. Abrem-se assim, portas para se pensar em novas formas de se fazer jornalismo, que está ligado ao campo de embate dessas forças e que servem como exemplos de movimentos de resistência.

CONTRA-HEGEMONIA E PRODUÇÃO CULTURAL DE RESISTÊNCIA

Consta no “Manifesto da Semana da Arte Moderna da Periferia⁶”, escrito pelo poeta Sérgio Vaz (2007) para a primeira Mostra Cultural da Cooperifa⁷, que “a arte que liberta não pode vir da mão que escraviza”. Tendo esse ponto de partida como reflexão, sabemos que vivemos em um país em que a desigualdade social, ocasionada pelas condições econômicas, provoca uma discrepância de oportunidades e acesso aos bens e práticas culturais.

Diante desse cenário, grupos marginalizados e classes sociais vulneráveis, muitas vezes, realizam suas próprias produções culturais como narrativas que interpretam o cotidiano e a realidade social em que vivem. Assim, a arte produzida por esses grupos contrapõem o discurso hegemônico das elites econômicas e elucidam o pensamento de Williams (1992) de que a arte e a cultura não podem ser restritas a uma minoria. O samba no início do século XX, o rap, o funk, os teatros de rua, os grafites, entre outros, são exemplos de produções artísticas produzidas por grupos que vivem à margem da sociedade. São produções que comunicam pensamentos, emoções, ideias e situações vivenciadas por negros, mulheres, grupos LGBTs e da população que reside nas periferias dos centros urbanos.

Kellner (2001) alega que há muitas formas de expressão cultural contestadora que resistem a códigos, práticas e ideologias da cultura dominante. Essas formas às vezes se

⁶ A citação do manifesto foi retirada do livro *Cultura, Comunicação e Espetáculo* (COELHO; CASTRO, 2016).

⁷ Movimento Cultural idealizado pelo poeta Sérgio Vaz que realiza atividades culturais da periferia (Zona Sul) de São Paulo.

evidenciam nos meios comerciais, mas são encontradas com mais frequência nas culturas alternativas e no dia-a-dia. Para o autor, a cultura é profundamente enriquecida pelas contribuições dos grupos marginalizados e só é possível colher benefícios ao ouvir a diversidade de vozes e experiências desses grupos.

Esse campo cultural tornou-se objeto de pesquisa dos pensadores dos Estudos Culturais, pois esse grupo de intelectuais interpreta a sociedade como um conjunto hierárquico e antagonista de relações sociais caracterizadas pela opressão de classes, sexo, raça etnias e estratos sociais subalternos. Baseando-se no modelo gramsciano de hegemonia e contra-hegemonia, os Estudos Culturais analisam as formas sociais hegemônicas de dominação e procura forças contra-hegemônicas de resistência e luta (KELLNER, 2001, p. 48). Nesse sentido, as mídias, as manifestações artísticas e culturais tornam-se instrumentos de resistência pelos quais os grupos contra-hegemônicos apresentam suas narrativas contra os sistemas de poder.

A estratégia de resistência proposta por Gramsci baseava-se em sua convicção sobre a necessidade de desafiar e destronar o domínio cultural e a hegemonia das classes dominantes com uma visão alternativa coerente e convincente a respeito de como a sociedade poderia se organizar (DOWNING, 2004, p. 47). As ideias do intelectual italiano influenciaram diversos pensadores que as utilizaram/utilizam como pressupostos para compreensão dos fenômenos sociais e culturais da segunda metade do século XX e do início do século XXI. Para Downing (2004, p. 48)

as noções de *contra-hegemonia* e *contra-hegemônicos* tornaram-se comuns (...) como forma de categorizar as tentativas de contestar as estruturas ideológicas dominantes e suplantá-las como uma visão radical alternativa. Muitos dos meios de comunicação radicais alternativos pertencem a esse modelo. A proliferação dessa mídia seria vital, tanto para ajudar a gerar essas alternativas no debate público como para limitar qualquer tendência da liderança oposicionista, seja qual for a forma que ela assuma, de radicar-se como agência de dominação em vez de liberdade.

Nesse sentido, as mídias e a cultura caracterizam-se como formas de contestação das estruturas ideológicas e econômicas. Tendo como premissa que a conjuntura social é marcada pelo avanço do conservadorismo no país e de perdas de direitos sociais, as mídias, a música, o teatro, o cinema e as demais produções culturais adquirem a relevância de instrumentos de resistência e contestação do *status quo*. Por sua vez, o jornalismo cultural como uma editoria que noticia os eventos de natureza artística e cultural cumpre a função de levar ao leitor essas produções artísticas que trazem essas narrativas contra-hegemônica.

Sendo assim, o momento agitado do país nos estimula a refletir não apenas sobre os assuntos de natureza política na atual esfera pública, mas também sobre a produção cultural realizada neste contexto político/ideológico que vivenciamos e como os veículos de comunicação alternativa noticiam essas produções.

ANÁLISE DA PRODUÇÃO CULTURAL NO PORTAL *RBA*

O russo Mikhail Bakhtin (1997, p. 279) propõe que o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas da atividade humana, não apenas pelo seu conteúdo temático e estilo verbal, mas também por sua construção composicional. Esses três elementos, segundo o autor, fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Na concepção de Bakhtin, qualquer enunciado isoladamente é individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, denominados gêneros do discurso.

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de gêneros nas diferentes esferas da atividade humana tem importância para todas as áreas da linguística e da filologia. Isto porque um trabalho de pesquisa acerca de um material linguístico concreto lida com enunciados concretos (orais e escritos) que se relacionam com as diferentes esferas da atividade e da comunicação (BAKHTIN, 1997, p. 282).

Para Marques de Melo, o campo comunicacional é constituído por conjuntos processuais, entre eles a comunicação de massa, organizada em modalidades significativas. No caso do jornalismo, esse trabalho, organizado e normatizado conforme os padrões preestabelecidos, subdivide-se, em pelo menos, dois estágios: os gêneros e os formatos (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2016, p. 41). Gênero é entendido como uma classe de unidades da comunicação que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da atualidade, por meio de suportes mecânicos ou eletrônicos (mídias), potencialmente habilitados para atingir audiências. Formatos são variantes dos gêneros e em resumo atuam como instrumentos que emissores adotam para se manifestar e fazer circular conteúdos elaborados em harmonia com circunstâncias distintas (ibidem).

No entendimento de Marques de Melo e Assis (2010), existem 5 gêneros jornalísticos divididos em vários formatos:

Gênero	Função	Formatos
Informativo	Vigilância Social	Nota, notícia, reportagem e entrevista
Opinativo	Fórum de ideias	Editorial, artigo, crônica, resenha, carta do leitor, comentário, coluna, caricatura e charge
Interpretativo	Educativo, esclarecedor	Análise, perfil, enquete e cronologia
Utilitário	Auxílio na decisão de tomadas	Indicador, cotação, roteiro e serviço
Diversional	Distração, lazer	História de interesse humano e história colorida

Fonte: Os autores, 2018.

Com base na fundamentação teórica proposta por Marques de Melo, selecionamos para análise todo o material jornalístico na editoria de Cultura publicado no mês de março de 2018 do portal *RBA*. Desse modo, encontramos as seguintes matérias:

Título	Data	Gênero	Formato
Contra onda conservadora, Marina Lima lança funk debochado 'Só os coxinhas'	04/03	Opinativo	Resenha
Paixão pela arte e escassez documental marcaram a trajetória de Torquato Neto	04/03	Opinativo	Resenha
Programa 'Entre Vistas', da TVT, traz cantora Ana Cañas	06/03	Informativo	Notícia
'Estou tentando fazer a minha parte', diz Ana Cañas sobre arte e política publicado	07/03	Interpretativo	Perfil
'Daphne': os 'excessos' de uma mulher são vistos de outra forma publicado	07/03	Opinativo	Resenha
A Luta do Século': heróis nordestinos do boxe e o duelo de um povo contra a pobreza	15/03	Opinativo	Resenha
Documentário homenageia poesia oral do sertão nordestino	16/03	Opinativo	Resenha
A força e a luta da cultura periférica por reconhecimento e visibilidade	16/03	Informativo	Notícia
Emicida: 'O Brasil carece de histórias de pretos bem sucedidos'	25/03	Informativo	Notícia
Conheça plataformas gratuitas de filmes para 'fugir' da Netflix	26/03	Informativo	Notícia
Soldados do Araguaia contam sobre traumas e marginalização em filme	27/03	Opinativo	Resenha
Mostra de cinema feminista exhibe curtas de cineastas brasileiras	30/03	Informativo	Notícia
Jesus não morreu pelos "nossos pecados" e sim por enfrentar o sistema	31/03	Opinativo	Artigo

Fonte: Os autores, 2018.

Após a seleção do material, decidimos elucidar apenas os formatos encontrados no *corpus* desta pesquisa e, dessa maneira, analisar as matérias de acordo com suas classificações.

Resenhas: Como afirma Marques de Melo (2003), a resenha é entendida como um formato jornalístico que pertence ao gênero opinativo e tem como finalidade a apreciação das obras de arte ou dos produtos culturais, com o objetivo de orientar a ação dos fruidores e consumidores dos bens culturais.

A primeira resenha analisada trata-se do lançamento do novo álbum *Novas Famílias* da cantora Marina Lima. A matéria traz o título “Contra onda conservadora, Marina Lima lança funk debochado ‘Só os coxinhas’” e o texto traz elementos que dizem sobre o atual cenário político/social contemporâneo, como “a nova onda conservadora que assola o mundo” e a frase da cantora de que as “famílias novas de hoje não são só homem e mulher, são pessoas que se amam e querem morar juntas”. A publicação aborda o lançamento de um álbum musical e tem como eixo principal a divulgação de uma música de um gênero musical marginalizado, o funk, mesmo a cantora sendo um nome renomado na música popular brasileira. Além do gênero funk, a canção traz a reflexão sobre temas como o conservadorismo e os novos formatos familiares na atual sociedade.

A resenha “Paixão pela arte e escassez documental marcaram a trajetória de Torquato Neto” fala sobre o documentário *Torquato Neto – Todas as horas do fim*, produção que narra a vida do artista. Diferente da resenha anterior, que traz elementos de uma narrativa contra-hegemônica, o texto aponta para vivências de Torquato Neto e tem um caráter mais colaborativo, funcionando mais como um mediador cultural entre o leitor e a obra analisada.

A narrativa feminista está presente na resenha “‘Daphne’: os ‘excessos’ de uma mulher são vistos de outra forma”, que analisa o filme *Daphne*, dirigido por Peter Burns. O texto traz reflexões de uma produção cultural que aborda as decisões, o cotidiano e as transformações ocorridas na vida de uma mulher após um determinado fato. Já a resenha “‘A luta do século’: heróis nordestinos do boxe e o duelo de um povo contra a pobreza” analisa o filme *A luta do século*, de Sérgio Machado, que traz a temática da pobreza no nordeste do país e como dois pugilistas da região buscaram vencer a miséria por meio do boxe.

A matéria “Documentário homenageia poesia oral do sertão nordestino” orienta o leitor para a fruição do documentário *O Silêncio da Noite É que tem sido testemunha das minhas amarguras*, de Petrônio Lorena. Segundo o texto, a obra traz para as telas a força da poesia oral no sertão nordestino e a importância de Severina Branca, figura central da cidade de São José do Egito, para a cultura local. Por fim, a resenha “Soldados do Araguaia contam sobre traumas e marginalização em filme” fala sobre o documentário *Soldados do Araguaia*, dirigido por Belisário Franca, que relata histórias de militares de baixa patente que denunciaram os horrores causados pelo Exército durante e depois da guerrilha.

Artigo: o artigo, segundo Marques de Melo (2003), é um formato jornalístico por meio do qual jornalistas, especialistas e intelectuais desenvolvem suas ideias e expressam suas opiniões relacionadas a diversos assuntos. O artigo intitulado “Jesus não morreu pelos nossos pecados e sim por enfrentar o sistema” traz a argumentação de que Jesus foi morto por

defender os pobres e combater o sistema econômico da sociedade da época. Esse texto aponta para uma narrativa que confronta um sistema que proporciona desigualdades sociais, misérias e descontrói o mito de que o “Filho de Deus” morreu para livrar a humanidade do pecado, contrapondo o discurso conservador de grupos religiosos.

Com base no material publicado e tendo como orientação as definições dos gêneros e formatos do jornalismo, entendemos o jornalismo opinativo como um fórum de ideias que visa opinar e refletir sobre os diversos assuntos da cultura e do cotidiano. Sendo assim, observamos nas resenhas e no artigo que as opiniões baseiam-se em reflexões sobre as condições de vida e condições sociais dos grupos contra-hegemônicos, veiculados em produções culturais que trazem essa narrativa como resistência aos sistemas de poder da sociedade contemporânea.

Notícias: As notícias aqui analisadas seguem padrões e critérios que Marques de Melo (2003) utiliza em sua classificação de gêneros e formatos, apontando a notícia como um relato integral narrado em pirâmide invertida em ordem não cronológica e que contém respostas de seis perguntas básicas (O quê? Quem? Onde? Como? Quando? Por quê?).

Todas as notícias dentro do período de coleta mostram claramente narrativas contemporâneas que discutem política, movimentos sociais de resistência (cultura periférica, feminismo e movimento negro) e novas opções além da plataforma *Netflix*. Infere-se assim, a presença contra hegemônica nas notícias publicadas no *RBA*.

O anúncio breve sobre a presença da cantora Ana Cañas em um programa de entrevistas, traz intrinsecamente o discurso da cantora a respeito do seu trabalho e envolvimento política, justamente pela participação da cantora em manifestações e pelo engajamento em temas sociais.

Os movimentos de resistência presentes em três notícias divulgadas pelo portal não se tratam apenas de priorizar assuntos que pouco se inserem nos grandes veículos, como também trazem perspectivas que vão além da simples ideia de anunciar. Priorizam-se, assim, os discursos necessários para a construção de uma sociedade igualitária. É o caso das produções independentes de coletivos feministas que pouco estão inseridos na mídia a discussão do rapper paulista Emicida que aponta um cenário sem pretos bem-sucedidos e o debate que desencadeia a periferia como lugar de reconhecimento e visibilidade.

Por último, se destaca um discurso que vai contra a *Netflix*, após o lançamento de uma série que trata olhares políticos a respeito da Operação Lava-Jato.

Após a insatisfação criada pela recém-lançada série *O Mecanismo*, que escancara uma tentativa de manipulação dos fatos históricos, cresce o movimento para se buscar alternativas àquela plataforma para o streaming de filmes, séries e documentários (REDE BRASIL ATUAL/SA).

Perfil: A partir da classificação de Marques de Melo e Assis (2010), há quatro formatos no jornalismo interpretativo, dentre eles, o perfil corresponde a uma descrição do personagem tratado, trazendo assim, uma interpretação perante a sociedade. Nesse aspecto, a publicação intitulada “Estou tentando fazer a minha parte”, diz Ana Cañas sobre arte e política” se enquadra no quesito acima destacado, já que se dialoga sobre a presença de uma cantora de renome nacional em um programa de entrevistas e se debate o seu papel a partir de um cruzamento entre seu papel artístico e político. Assim, o texto permite que o leitor tire suas conclusões no que se refere à interpretação do repórter sobre o discurso na cantora no programa televisivo.

Considerando os principais conceitos discutidos nessa pesquisa, constata-se a presença de elementos contra-hegemônicos que destacam o discurso do jornalista que escreveu o perfil da cantora. Inicialmente, o portal destacou a visão da cantora a respeito de temáticas ‘política’ e ‘corrupção’, partindo do fato de que o ambiente artístico é um meio de relevância social e que a torna como figura pública. Além disso, é possível perceber essa posição com mais intensidade quando o texto traz o debate sobre ‘indústria cultural’, outro tema de grande relevância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propomos, a partir de uma análise de conteúdo, observar como um veículo da mídia alternativa, no caso o portal *RBA*, mídia de resistência e luta, aborda a questão artística e cultural em suas publicações. Dessa forma, o portal se consagra como ambiente jornalístico que foge da lógica mercadológica, configurando-se como um ambiente que propõe pensar em novas possibilidades e, principalmente, dar voz a minorias e a grupos marginalizados. Mas, por outro lado, enquanto as novas mídias trazidas pelos avanços tecnológicos se mostram essenciais, Moraes (2013) enfatiza que a mídia hegemônica se apropria dessas para traçar estratégias, compartilhando e distribuindo conteúdo com baixos custos e investimentos, o que de fato torna esse embate ainda mais conflituoso.

É preciso, antes de mais nada, perceber que os espaços alternativos necessitam construir uma trajetória que possibilite confiança e atenção, para só assim se manterem em um ambiente midiático capaz de resistir e alcançar a credibilidade que no momento, infelizmente, a tecnologia ainda não é capaz de proporcionar. Trata-se de uma problemática que essa pesquisa não conseguirá resolver, como destacamos anteriormente, mas que talvez possa servir para se pensar em possibilidades de mudar esse cenário.

A partir da análise, consideramos o gênero como uma classe de unidades da comunicação que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão de conteúdos e formatos como variantes dos gêneros e instrumentos de manifestação e circulação de conteúdo. Assim, percebemos que suas classificações possibilitam que o portal faça essa mediação trazendo posicionamentos e relatos de figuras artísticas sobre os diversos assuntos que pautam o debate público, como o feminismo, a política, a desigualdade e a exclusão do negro na sociedade, através de posições e críticas inseridas em seus textos de forma direta ou indireta.

Sendo a resenha uma orientação para a ação dos fruidores e consumidores, em relação às obras de arte e produtos culturais, o veículo busca não apenas divulgar essas produções para serem consumidas, mas também proporciona ao público o conhecimento sobre a Cultura Popular e sobre importantes nomes que compuseram essa história. Nessa perspectiva, o *RBA* se apresenta de duas maneiras: a) como divulgador de ideias contra-hegemônicas no campo cultural e b) como formador cultural do leitor em relação à Cultura do próprio país.

Por fim, entendemos o jornalismo cultural como um campo que proporciona inúmeras riquezas e reflexões devido à diversidade do campo cultural na sociedade contemporânea. Nos dias atuais, não pode-se negar a influência das produções culturais que trazem a narrativa contra-hegemônica em um campo permeado de batalhas simbólicas por buscas de espaços. Cabe assim, ao jornalismo cultural, como objeto de reflexão do campo cultural, analisar e refletir sobre a tensão que envolve essa área em constante disputa narrativa.

É fato que o jornalismo imparcial não existe. Porém, a grande questão que trazemos aqui é perceber-lo como um meio propulsor de interesses que só viabilizam determinados grupos hegemônicos em virtude de uma minoria que vai contra as causas populares e que consequentemente fortalece a desigualdades social.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALLERINI, Frantjesco. **Jornalismo cultural no século 21: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática**. São Paulo: Summus, 2015.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, G.M. **Pensamento comunicacional brasileiro: O legado das ciências humanas (Orgs)**. 2 V. São Paulo: Paulus, 2015, p.183-223.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Civilização e Cultura**. Rio de Janeiro: MEC, 1973.

DOWNING. J.D.H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2004.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

FARO, José Salvador. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. In: _____. **Apontamentos sobre Jornalismo e Cultura**. 1a. ed. Porto Alegre: Buqui, 2014a, p.15-31.

FARO, José Salvador. Dimensão e prática do jornalismo cultural. In: _____. **Apontamentos sobre Jornalismo e Cultura**. 1a. ed. Porto Alegre: Buqui, 2014b, p.82-99.

GANS, H.J. **Cultura popular e alta cultura: uma análise e avaliação do gosto**. São Paulo: Sesc, 2014.

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Paullus, 2009.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusp, 2001.

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. Ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO, José. ASSIS, Francisco de. (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

_____. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira da Ciência da Comunicação**, São Paulo, V. 39, n. 1, p. 39-56, 2016.

MORAES, Dênis de. Sistema midiático, mercantilização cultural e poder mundial. In: MORAES, Dênis de (Org.) RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, Poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013, p. 19-52.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 3ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

VARGAS, Herom. Reflexões sobre o Jornalismo Cultural Contemporâneo. **Estudos de Jornalismo e Relações Públicas**, ano 2. n. 4, São Bernardo do Campo, SP, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.